

*Economia - Brasil*

# Para analistas, economia confirma reação, mas sem superaquecimento

**Sergio Lamucci**

De São Paulo

A economia brasileira não está superaquecida, mas o crescimento é robusto e há o risco de que, em alguns setores, a oferta não acompanhe o ritmo de expansão da demanda, afirmam analistas. A avaliação predominante é de que, num cenário em que as perspectivas inflacionárias não são favoráveis — em especial devido ao petróleo —, a demanda crescente é um fator a mais de pressões sobre os preços, embora não justifique, por si só, uma elevação dos juros. Desta vez, parece haver menos discordância entre a visão do Comitê de Política Monetária (Copom) e dos analistas sobre a atividade econômica. E, se houver alta dos juros, a expectativa é de uma elevação moderada da taxa Selic, o que não impactaria dramaticamente o ritmo de crescimento.

O economista-chefe do ABN AM-

RO, Mário Mesquita, diz que a economia está aquecida, mas vê sinais de superaquecimento apenas em alguns setores, como o de siderurgia. Ele lembra, porém, que o nível de utilização de capacidade instalada está próximo de picos históricos. A ata do Copom ressalta que, em julho, a capacidade instalada na indústria subiu para 84,1%, um número próximo ao pico registrado no primeiro trimestre de 1995, o nível máximo da série desde 1990. Para Mesquita, uma questão relevante é que a demanda mais forte aumenta o espaço para repasses de aumentos de custos para os preços.

O economista-chefe da LCA Consultores, Luís Suzigan, também considera que a atividade econômica está bastante aquecida, mas avalia que esse não é o principal fator que ameaça o cumprimento das metas de inflação. Os grandes riscos, segundo ele, vêm do comportamento dos preços do petróleo e de metais no mercado internacional. Suzigan

tem uma visão positiva sobre o crescimento, acreditando que está em curso uma firme recuperação do investimento. A absorção doméstica de bens de capital, por exemplo, cresceu 13,8% no primeiro semestre em comparação ao mesmo período de 2003. Esse indicador inclui a produção e a importação de bens de capital, excluindo as exportações.

O analista Antônio Madeira, da MCM Consultores, prefere ressaltar os indicadores que mostram um crescimento a um ritmo bastante forte, como a produção industrial e das vendas no varejo. De janeiro a junho, a produção industrial cresceu 7,7% em relação ao mesmo período de 2003. Uma questão difícil de monitorar é se a demanda avança a um ritmo superior ao da oferta.

A alta da Selic ainda não é considerada inevitável, mas, se ocorrer, ninguém espera um aperto monetário severo. Mesquita diz que eventuais aumentos dos juros tendem a ser graduais, de 0,25 ponto per-

tual a cada reunião. Para ele, o BC quer influenciar as taxas de juros de longo prazo da economia — as que realmente afetam o custo de empréstimos e financiamentos — elevando ao mínimo a Selic ou, se possível, nem mesmo mexendo nessa taxa. Para o economista-chefe do HSBC, Alexandre Bassoli, “um eventual ciclo de aperto monetário teria magnitude bem inferior, por exemplo, aos 3,75 pontos percentuais vistos em 2001”, quando a Selic subiu de 15,25% para 19%. Se houver um aumento de fato pequeno da Selic, a trajetória de crescimento da economia não seria muito afetada, afirmam Mesquita e Bassoli. “Mas isso vai depender da persistência do aperto monetário”, afirma Mesquita. Suzigan, por sua vez, acredita que o mais eficiente seria um aumento de 1 ponto percentual de uma só vez, em vez de elevações graduais menores, que poderiam ter impacto negativo sobre decisões de consumo e investimento.